

# Preços em disparada na indústria. E agora, ministro?

Se depender da indústria paulista, o ministro da Fazenda, Máilson da Nóbrega, vai ter muito trabalho, a partir da próxima semana, para convencer os empresários a segurarem os preços. Representantes de vários segmentos vinculados à alimentação se queixam de que os produtores de matéria-primas vêm praticando reajustes muito acima dos 90% do IPC, desrespeitando, portanto, o acordo formalizado em outubro. Os pecuaristas, por exemplo, estão segurando os bois no pasto, como uma espécie de reserva financeira contra a hiperinflação. Com essa redução de oferta, toda a cadeia produtiva que usa a carne como matéria-prima está pagando mais pelo produto, assim como o próprio consumidor.

A utilização do boi de forma semelhante ao dólar ou o ouro, ativos financeiros para os quais recorrem os investidores quando a economia está em perigo, foi destacado por Itacil Gonçalves Damero, presidente do Sindicato da Indústria do Frio, para justificar a disparada nos preços da carne. Embora o País esteja em período de safra, segundo ele, a carne subiu, em média, cerca de 60% nos últimos dias por causa da redução dos abates. Como o clima está bastante favorável às pastagens, o pecuarista sente-se mais seguro com o peso que o boi adquire diariamente do que com um eventual rendimento de aplicações no mercado financeiro.

Com o porco em disparada e o boi disputando mercado com o dólar e com o ouro, não há como segurar em 90% do IPC, como deseja o governo, os preços de produtos como salsichas, presunto, mortadela e outros derivados de carne.

Os aumentos dos derivados do leite também tiveram sua lógica, afirma Solon Teixeira de Rezende Júnior, diretor operacional da Indústria de Produtos Alimentícios Teixeira. A vaca, diz ele, não quer saber se os custos financeiros do processamento do leite estão mais ou menos altos e se esses custos têm que ser repassados aos derivados. O leite tem que ser tirado de qualquer forma. Isto justifica, em parte, segundo o empresário, os aumentos elevados nos preços do queijo, da manteiga, dos iogurtes e de outros derivados.

Os fabricantes de produtos de higiene e limpeza, que também figuram na lista como campeões nas remarcas, fizeram um esforço matemático, segundo José João Locoseli, presidente do Sindicato da Indústria dos Produtos de Limpeza, para manter o acordo com o governo. Uma coisa são os preços da indústria, diz, e outra bem diferente são as remarcas de produtos em prateleira, no varejo. Da parte da indústria, Locoseli conta que o redutor de 10% sobre a variação do IPC está sendo mantido.